

ALGUNS EMBLEMAS DE ANDREA ALCIATO SOBRE O DEUS ALADO

Francisco de Assis Florencio (UERJ)
ff017066@gmail.com

RESUMO

Pretendemos, com este trabalho, analisar alguns emblemas do *Emblematum Liber* de autoria do ilustre humanista Andrea Alciato. Esta obra não foi apenas a precursora deste tipo de composição, mas também a mais célebre e a mais lida. Do grego *em-ballo*, a palavra “emblema” já era bastante conhecida e empregada no período clássico e pós-clássico. De seu significado primitivo “atirar”, “botar” e, por derivação, “ornamentar”, resultou em “tipo de trabalho decorativo feito com metal no qual peças de ouro ou prata eram incrustadas em objetos preciosos”. Os emblemas que analisaremos dizem respeito à divindade Amor. Quanto à forma, um livro de emblemas se divide em três partes: um mote ou *inscriptio*, uma imagem ou *pictura* e um breve poema ou *subscriptio*. A nossa análise dar-se-á a partir de três níveis de interpretação: a alegórica, a tropológica e a anagógica.

Palavras-chave: Emblemas. Andrea Alciato. Latim. Renascimento.

1. Introdução

Renomado jurista italiano, Alciato nasceu no ano de 1492, em Alzate Brianza, e faleceu em Pavia, em 1550. Na universidade foi discípulo de Fasani e, depois de formado, ministrou aulas nas Universidades de Bolonha e Pavia. Ganhou fama internacional escrevendo sobre aspectos do Direito Romano, mas o ápice de sua carreira de escritor se deu com a publicação do *Emblematum Liber*.

Escrito provavelmente para ser lido em momentos de recreação e lazer, o *Emblematum Liber* logo se tornou um gênero literário de grande tradição. Quanto à apresentação, embora existissem outras, a forma padrão dos emblemas era a *inscriptio* ou o título, a *pictura* ou a imagem e a

subscriptio, na maioria das vezes em forma de epigrama, que descreve ou explica o tema representado pelos outros dois elementos. Esta fórmula padrão fornecia uma representação ideal de um símbolo, o significante, cujo propósito era ocultar bem como revelar o significado. Os emblemas se dividiam em três tipos: o primeiro, seguindo o modelo dos Bestiários, vinha de exemplos colhidos da história natural (físicos ou naturais); o segundo tipo eram episódios retirados de uma fábula ou história antiga (históricos); por fim, encontramos provérbios ilustrados por cenas do cotidiano (éticos).

Os emblemas de Alciato foram bastante influenciados pelos epigramas da antologia grega. Na primeira edição dos *emblemata*, quarenta epigramas vieram da antologia. Na última edição, editada pelo próprio Alciato (1550), ano em que ele faleceu, já havia quarenta e seis epigramas oriundos da obra grega. Ele mesmo, numa carta a um amigo, assim declara: “Eu compus um livro de epigramas ao qual eu dei o título de *Emblemata*...”. A influência epigramática vem a comprovar o que já se sabia, ou seja, que inicialmente Alciato não tinha a intenção de utilizar gravuras em sua obra.

Os emblemas, quanto à interpretação, podem ser apresentados de três formas: a primeira interpretação é a alegórica, ou seja, a ideia é lida através da imagem, do quadro apresentado no emblema; a segunda, tropológica, é a interpretação mística dos símbolos, e, por fim, a anagógica, que é a mensagem expressa no mote.

2. Análise e comentários

2.1. Emblema CVI

2.1.1. *Potentissimus affectus Amor*



Aspice ut invictus vires auriga leonis,
Expressus gemma pusio vincat Amor?
Utque manu hac scuticam tenet, hac ut flectit habenas,
Utque est in pueri plurimus ore decor.
Dira lues procul esto: feram qui vincere talem
Est potis, a nobis temperet anne manus?

TRADUÇÃO

Amor, o mais poderoso sentimento

Vede como o jovem Amor, um cocheiro invencível, representado em uma pedra preciosa, domina as forças de um leão? E como segura em uma mão um chicote, e como movimenta com a outra as rédeas e como é grande a beleza no rosto deste menino. Que a terrível calamidade esteja longe daqui. Acaso poderia, aquele que é poderoso para vencer tal fera, afastar de nós a sua mão.

COMENTÁRIOS

Quanto ao título, a ênfase está no superlativo absoluto *potentissimus*, que deixa claro que tanto o deus quanto o sentimento produzido por ele são mais potentes do que qualquer outro deus ou sentimento.

No que se refere à imagem, temos, em primeiro plano, o deus alado conduzindo uma carruagem puxada por leões.

A interpretação tropológica se dá por várias vias: o chicote e as rédeas nas mãos do Amor simbolizam o seu poder de castigar a quem não lhe obedece e o total controle que ele exerce sobre aqueles que por ele são flechados. A símile ocorre na comparação feita entre o ser humano e a fera. Se uma fera poderosa e ameaçadora como o leão foi subjogado pelo filho de Vênus, quem somos nós, míseros mortais, para resistir a tão profundo sentimento.

2.2. Emblema CVII

2.2.1. *Potentia Amoris*

	Nudus Amor viden' ut ridet, placidumque tuetur? Nec faculas, nec quae cornua flectat, habet; Altera sed manuum flores gerit, altera piscem, Scilicet ut terrae iura det atque mari.
---	--

TRADUÇÃO

O poder do Amor

Vês como o Amor nu sorri e como ele olha placidamente? Ele não tem tochas nem o arco que costuma dobrar; mas segura em uma das mãos flores e na outra um peixe, ou seja, ele dá ordens tanto à terra quanto ao mar.

COMENTÁRIOS

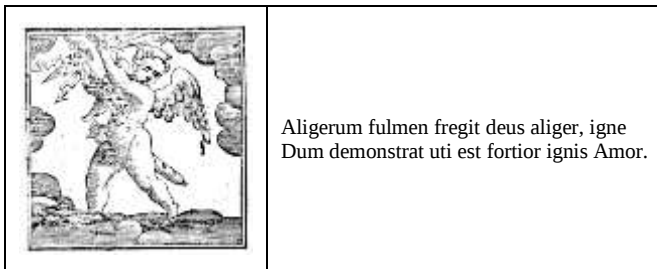
Na interpretação anagógica, merece destaque a palavra *potentia*. Diferentemente de *potestas*, que é a “força”, “o poder oriundo da autoridade”, ela é empregada para designar “a força física utilizada para deslocar, mover, tirar do lugar”, neste caso a terra, o mar e os seres que neles habitam.

Quanto à alegoria, a pintura mostra o Amor sentado tranquilamente e desnudo de roupas e de armas, segurando numa mão um ramalhete e na outra um peixe, sem que, para tomá-los, fizesse uso das armas que costuma carregar.

O buquê, graças à origem das flores, simboliza a terra. O peixe, por sua vez, simboliza o mar.

2.3. Emblema CVIII

2.3.1. *Vis Amoris*



TRADUÇÃO

A força do Amor

O deus alado quebrou o raio alado, enquanto demonstra que o Amor paixão é mais forte que o fogo.

COMENTÁRIOS

A repetição dos vocábulos *aligerum/aliger* cria uma oposição entre o raio e Cupido, saindo este último como vencedor. Já os substantivos *igne/ignis* opõem o fogo consumidor produzido pelo raio e o fogo, que a todos consome, produzido pelo deus do amor.

No que se refere à interpretação anagógica, o título *Vis Amoris* diz respeito à força física de Cupido: ele é tão forte que consegue quebrar até o raio que é produzido pelo *deus deorum*, Júpiter.

Quanto à alegoria, a imagem apresenta o deus alado quebrando os raios, usando, para tanto, apenas as suas mãos, sem precisar, portanto, de fazer uso de suas armas habituais: o arco e as setas.

Tropologicamente falando, os raios representam Júpiter, pois dele se originam e simbolizam o poder destrutivo deste deus. Mas nem mesmo o *deus tonans* é páreo para a força avassaladora do *ales puer*.

2.4. Emblema CIX

2.4.1. *In studiosum captum amore*



Immersus studiis, dicundo et iure peritus,
Et maximus libellio.
Helianiran amat, quantum nec Thracius umquam
Princeps sororis pellicem.
Pallada cur alio superasti iudice, Cypri?
Num sat sub Ida est vincere?

TRADUÇÃO

Ao estudioso capturado pelo Amor

Imerso nos estudos e perito na oratória e nas leis, grande nas petições. Ele ama mais Helianira do que o príncipe trácio amou a ama de sua irmã. Por que, ó cipriota, com outro juiz, tu venceste a Pálade? Acaso já não foi suficiente vencer no monte Ida.

COMENTÁRIOS

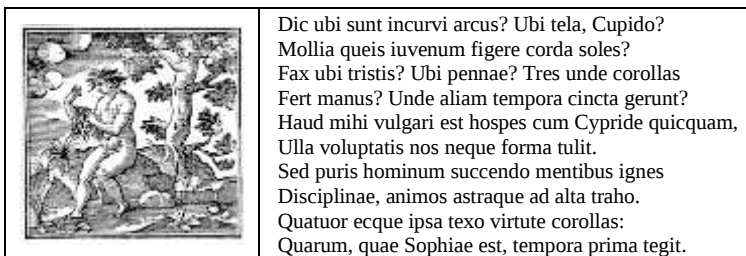
O título faz referência à pessoa que, para fugir das constantes investidas do deus amor, busca se refugiar nos estudos, mas, na verdade, o seu pensamento está dividido entre a ciência e o amor. Isto é reforçado pela imagem que apresenta, no centro, um estudioso cercado, de um lado, por Minerva, a deusa da sabedoria, e, de outro, Cupido e sua mãe, tendo o estudioso preferido estes dois últimos àquela, o que se evidencia pelo fato de o seu rosto estar virado na direção das divindades do amor e do prazer.

Acredita-se que o estudioso aqui citado seja Jerônimo Paduano, homem dedicado às letras, mas que se deixou levar pelas redes da paixão. Ao analisar o amor do seu contemporâneo, Alciato, na tentativa de mostrar o quanto é perigosa e traiçoeira a paixão, faz uso de uma alusão mitológica. O príncipe trácio, na verdade, é o rei Tereu; a tradução “de sua irmã” é ambígua, pois parece que a irmã é do rei, quando na verdade ela é irmã da *pellicem*. Esta palavra, embora possa ser traduzida por “concupina”, foi traduzida por “ama” pelo fato de ser a função exercida pela jovem Filomela junto à sua irmã Procne, esposa do rei trácio. Ele se apaixonou pela irmã de sua esposa e a possuiu à força.

Encontramos outra alusão mitológica nas duas últimas linhas. Elas fazem referência ao célebre episódio do “pomo de ouro”. Na ocasião das núpcias de Peleu e Tétis, houve uma disputa entre Juno, Minerva, deusa da sabedoria, e Vênus, cultuada em Chipre, para decidir qual seria a mais bela dentre elas. A função de juiz foi destinada ao belo pastor Páris e o Monte Ida serviu de palco à disputa. O pastor, após ouvir as promessas das deusas, decidiu favoravelmente a Vênus, que havia lhe prometido a mais bela das mulheres como esposa.

2.5. Emblema CX

2.5.1. Anteros, id est, amor virtutis



TRADUÇÃO

Anteros, isto é, o amor da virtude

Diz onde estão os arcos encurvados? Onde estão as flechas, Cupido, por meio das quais tu costumavas flechar os corações delicados dos jovens? Onde está a triste tocha? Onde estão as asas? Por que a tua mão carrega três coroas? Por que tuas decoradas têmporas leva outra? Nada em mim está na companhia da comum Cípris, nenhuma forma de prazer nos capturou. Mas eu incendeio os fogos do conhecimento nas mentes puras dos homens, carrego os espíritos deles para os elevados astros. Teço, então, quatro coroas dessa virtude, da qual, a primeira, que é de Sofia, cobre minhas têmporas.

COMENTÁRIOS

O título deste emblema foge um pouco ao pensamento clássico, segundo o qual a função de Antero era garantir a reciprocidade amorosa. Os humanistas, porém, sob influência platônica, traduzem a preposição *αντε* como “contra”, criando, assim, uma oposição entre Eros e Anteros e fazendo deste último um símbolo da pureza virtuosa.

A *subscriptio* tem início com uma série de interrogações. De início, Cupido é questionado a respeito de suas armas e de sua forma alada. Em seguida, o questionamento se baseia nas coroas de flores que estão em suas mãos e da que está em sua fronte. Ele responde, dizendo que naquele momento ele não está à procura do amor nem do prazer, mas incendeia o coração dos homens com o desejo do conhecimento e da sabedoria.

Ao falar de virtude, que pode ser definida como “tudo que há de melhor na natureza física e moral do homem”, o texto se refere à divisão platônica das virtudes, que assim se apresenta: a primeira, que deve estar na *ratio humana* é a *prudentia*, sinônimo de *sapientia*, razão pela qual ele emprega seu correspondente grego *sophia*. A segunda, definida como *suum cuique tribuere*, é a *iustitia*; a terceira é aquela que nos impulsiona a vencer as dificuldades e nos mantém firmes na busca do bem: *fortitudo*; por fim, aparece aquela que, modernamente, ouvimos nos comerciais de tv sob o seguinte *slogan*: “... com moderação”. Assim a *temperantia* nos convida a refrear nossos desejos e sermos prudentes quanto àquilo que nos dá prazer.

3. Conclusão

Concluimos este trabalho certos de que este estudo é apenas uma gota d’água no oceano chamado Renascimento. Muito já foi escrito e muito ainda será sobre Andrea Alciato e sua obra. Ele foi um inovador e sua obra uma fonte de inspiração não só para seus contemporâneos mas também para outros escritores dos séculos que se seguiram.

Acreditamos que o objetivo proposto no resumo foi alcançado e que tanto a tradução quanto os comentários, ainda que possam ser revisitos e melhorados, servirão de instrumento para aguçar a curiosidade e o interesse daqueles que estão dando os primeiros passos na literatura neolatina e daqueles que estão bebendo pela primeira vez desta fonte inesgotável de textos inspirados na cultura clássica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCIATO. *Emblematum Liber*. Disponível em: <www.mun.ca/alciato/>.
- COMBONI, Andrea. *Eros e Anteros nella poesia italiana del Rinascimento*: appunti per una ricerca. Disponível em: <<http://italique.revues.org/183>>.
- DALY, Peter M. *Literature in the Light of the Emblem*. Canada: University of Toronto Press, 1998.
- RAYBOULD, ROBIN. *An introduction to the symbolic literature of the Renaissance*. USA: Trafford Publishing, 2006.
- SMITH, William; LOCKWOOD, John. *Chambers Murray Latin-English Dictionary*. Great Britain: Cambridge University Press, 1997.